

A Mulher e sua Importância para a Igreja Primitiva

Women and their Importance for the Early Church

Carolina Teles Lemos¹
Ruan Fillipe da Silva Gomes²

RESUMO

As mulheres nem sempre ocuparam um local secundário na história bíblica. No Antigo Testamento as esposas dos Patriarcas eram respeitadas como eles, eram ouvidas e admiradas. Na Antiguidade as mulheres ocuparam lugar de protagonismo e os homens a posição secundária. Mas é em um contexto de opressão social e restrições quanto a religiosidade que a mulher da Palestina se encontra. O mundo androcêntrico e patriarcal era também do sistema de dominação e exploração romana que se encontravam as mulheres no Novo Testamento. Quando Jesus lidera um movimento renovador, a mulher sai do anonimato e, como descrito no final do Evangelho de Marcos e de acordo a história da Igreja, passa também a compor o corpo de liderança da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE

Cristianismo; Apóstolas; Liderança Feminina.

ABSTRACT

Women did not always occupy a secondary place in biblical history. In the Old Testament the wives of the Patriarchs were respected like them, they were listened to and admired. In antiquity, women occupied a leading position and men a secondary position. It is in a context of social oppression and restrictions on religiosity that Palestinian women find themselves. The androcentric and patriarchal world was also part of the system of Roman domination and exploitation in which women found themselves in the New Testament. When Jesus leads a renewing movement, the woman leaves anonymity and, as described at the end of the Gospel of Mark and according to Church history, she also becomes part of the Church's leadership body.

KEYWORDS

Christianity; Apostles; Female Leadership.

¹ Doutora em Ciências Sociais e da Religião (UMESP), professora titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás.

² Mestre em Ciências da Religião (PUC-GO), graduado em Teologia (UNIDA-ES).

Introdução

Desde o seu surgimento o cristianismo trouxe uma série de inovações para sua época, como uma forma diferente de relação tanto com Deus quanto social, pois no movimento liderado por Jesus as mulheres eram valorizadas, serviam e testemunhavam a respeito do que vivenciavam com Jesus. O movimento liderado por Jesus não centralizou a espiritualidade no templo como o Judaísmo fizera, Ele escolheu o ambiente doméstico para centralizar suas ações, o que mais tarde viria a ser adotado pela Igreja primitiva como forma de propagação do evangelho, modificando o campo de atuação das mulheres com a inserção do cristianismo no cenário doméstico. Em razão da modificação trazida pelo cristianismo podemos observar ao longo dos registros que ela teve desenvolvido papéis importantes tanto no ministério de Jesus quanto para a Igreja primitiva.

Infelizmente, o campo de atuação das mulheres está descrito sob ótica masculina, sendo sujeito a alteração de sua história e imagem como aconteceu com Maria Madalena. A expansão do cristianismo foi possível com a contribuição feminina. Paulo e alguns Pais da Igreja reconheceram o serviço delas para o crescimento da obra missionária. Este artigo propõe em fazer uma reflexão sobre a importância das mulheres para o cristianismo primitivo, por isso é importante contextualizar o cenário em que elas estavam, observar como eram vistas no movimento de Jesus e, posteriormente, traçar sua atuação desde ao serviço prestado dentro do movimento de Jesus e na Igreja primitiva. Dentre o trabalho realizado pelas mulheres, esse artigo pontua a diaconia, a liderança e o apostolado.

1. Onde elas estavam? O contexto da mulher na Palestina

Ao pensar nessa pergunta, podemos dar inúmeras respostas sobre onde as mulheres se localizavam na sociedade da Palestina. No que se refere a história, é importante destacar que elas sempre estiveram presentes, nem sempre reconhecidas, muitas vezes marginalizadas e consideradas propriedade masculina. No que se refere ao desempenho feminino dentro de um contexto religioso cristão é preciso partir do princípio que a figura feminina é construída na Bíblia a partir do Antigo Testamento. As mulheres dos Patriarcas eram as Matriarcas. Elas eram

ouvidas, respeitadas e admiradas. Havia mulheres profetisas e juízas. As mulheres estavam presentes no Monte Sinai no momento em que Deus firmou o Seu Pacto com o povo de Israel. Participavam ativamente das celebrações religiosas e sociais, dos atos políticos.

Atuavam no plano econômico. Tinham voz, tanto no campo privado como no público³.

Com a influência estrangeira as mulheres passaram a ser consideradas propriedades masculinas e sofrer restrições. Na liturgia tradicional do judaísmo, naquilo que é conhecido como “Bençãos matinais”⁴, o homem agradecia por não ter nascido mulher. Kochmann⁵ indica

3 KOCHMANN, Rabina Sandra. O lugar da mulher no judaísmo. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, p. 35-45, 2005. p. 35.

4 KOCHMANN, 2005, p. 40.

5 KOCHMANN, 2005, p. 35.

que a posição secundária das mulheres era resultado de influência estrangeira, sobretudo grega, excluindo-as de toda atividade pública.

As mulheres no contexto greco-romano eram submissas na sociedade e família, por esse motivo elas eram mantidas reclusas em suas casas e nem eram considerada cidadãs, pois a base da organização social romana tinha a figura do pai por protagonismo. Ele era o responsável pelo destino e domínio sobre todos: “Os pais tinham o poder de decisão sobre a propriedade e o destino das mulheres e das crianças, que eram consideradas objetos de sua propriedade, assim como os animais e as plantações”⁶.

Nesse contexto de restrição é possível ver o lugar dessas mulheres naquela sociedade. No do Judaísmo, por exemplo, elas tinham as mesmas obrigações e cumpriam os mesmos preceitos que os escravos, ou seja, priorizavam as tarefas voltadas para o lar, enquanto no contexto romano até ocupavam certas funções destinadas ao homem. Quando assumiam “as mesmas funções que os homens elas eram tratadas como masculinas. Elas conviviam com a liberdade e as restrições sociais, culturais e econômicas de seu tempo”⁷.

Nessa posição de restrição, subordinação, eram tratadas como verdadeiras propriedades sujeitas aos maridos e, posteriormente, aos filhos mais velhos. Porém, de acordo com o registro bíblico, percebemos não foi sempre assim. As mulheres dos Patriarcas eram respeitadas tanto quanto eles, ou seja, elas eram colocadas em igualdade. Mas em tempos ainda mais antigos as mulheres ocuparam posições centrais, caracterizando dessa forma o Matriarcalismo, período no qual é importante notar que “a mulher representava o poder central, sendo considerada também, como um ser sagrado. Não havia divisão entre os sexos, porém, é do conhecimento dos estudiosos que os homens viam-se como seres marginalizados, já que não conheciam a capacidade de procriação”⁸.

As mulheres eram vistas como figura central exatamente pela razão de que “só ela tinha o poder de produzir e nutrir a vida. Sem ela a nova vida extinguir-se-ia”⁹. Esse argumento é biológico. Também pelo argumento biológico as mulheres eram definidas “mães procriadoras”¹⁰. Esse contexto favoreceu para que elas fossem vistas como fracas de inteligência e frágeis, razão pela qual estavam sob o poder de protetores. Sua influência na sociedade, mesmo que singela, ainda era desprezada, até mesmo a influência realizada como mãe ou esposa. Basta observar a descrição do período do governo de Nero:

Na obra *Anais*, Tácito descreve a imagem do governo de Nero, que se deixou levar pela influência feminina nos assuntos políticos. Com base no senso comum de sua sociedade, esse autor sugere que as más decisões de Nero somente foram possíveis em decorrência de conselhos dados por mulheres como Agripina, sua mãe; Otávia, primeira esposa, de 53 a 62; e Popeia, segunda esposa, de 62 a 65. Tácito aponta a percepção de que seria impossível que um bom governo pudesse ser caracterizado pela presença feminina. A primeira fase do governo de

⁶ BELO, Tais Pagoto. Mulheres da Antiguidade: apenas um espelho. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História conta os preconceitos: história e democracia*, p. 1-12, 2017. p. 4.

⁷ SANTOS, Ana Pinheiro. Maria Madalena no cristianismo primitivo: desafio para reflexões cristãs modernas. *Revista Caminhando*, São Paulo, v. 12, n. 20, p. 29-42, 2007. p. 33.

⁸ SILVA, Vinicius da; LONDERO, Josirene Candido. DO MATRIARCALISMO AO PATRIARCALISMO: formas de controle e opressão das mulheres. *XII CONAGES. XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades*, p. 1-10, 2017. p. 2.

⁹ SILVA; LODERO, 2017, p. 3.

¹⁰ KOCHMANN, 2005, p. 37.

Nero, por exemplo, que vai de 54 a 59, é descrita como uma administração de um bom homem, sem influências femininas¹¹.

É esse contexto que estão as mulheres no Novo Testamento, restritas tanto na cultura greco-romana quanto no judaísmo. Os homens eram protagonistas, expresso na mitologia a figura do masculino sempre em forma heroica, enquanto no judaísmo “o homem é livre para escolher dedicar seu tempo a Deus”¹². O que se sabe das mulheres são reproduções da narrativa dos homens, pois eles governavam as cidades e construíam sua memória, razão pela qual esse contexto é androcêntrico.

A comunidade de atuação do movimento Jesus partilhou do contexto androcêntrico e patriarcal tanto do mundo judaico quanto greco-romano. O patriarcado era inerente ao sistema de dominação e exploração romana, enquanto o sistema patriarcal judaico consistia numa forma de resistência e sobrevivência histórico-cultural.

2. Os evangelhos e as mulheres: as mulheres no movimento de Jesus.

No contexto já exposto é que surge Jesus, redirecionando a espiritualidade de sua época e modificando uma série de fatores sociais a partir da descentralização da figura do templo e sacerdote. A atenção de Jesus está nos marginalizados. Enquanto as diferentes ramificações do judaísmo eram direcionadas para a elite, Jesus comunicava com a massa. Os homens escolhidos para serem seus discípulos não foram formados em nenhuma escola de interpretação da Torá, a classe que acompanhava Jesus incluía profissionais autônomos e cobradores de impostos, gente simples que não se dedicava a uma vida acadêmica. Até mesmo os locais de ensino de Jesus eram feitos no cotidiano das pessoas e não nas sinagogas ou o templo, o que demonstra o quanto Jesus inovou.

As mulheres recebem atenção de Jesus descrito nos evangelhos exatamente por sua condição de oprimida/marginalizada e, também, por ser mulher. Ele entendia e tinha compaixão por elas e contou com a participação delas em seu movimento, diferentemente do que acontecia no judaísmo onde ao Rabi era proibido ter mulheres como seguidoras. Elas arriscaram suas vidas indo ao túmulo vazio de Jesus, permaneceram fiéis quando Ele havia sido preso. O movimento iniciado por Jesus deve ser considerado carismático e independente fazendo dele um verdadeiro movimento revolucionário.

No conceito de Jesus, a mulher

a mulher era tão capaz de compreender e assimilar as verdades do evangelho quanto os homens. Curiosamente algumas das verdades mais profundas do evangelho foram reveladas a mulheres, como o ensinamento sobre a água da vida dado a mulher samaritana e o ensino sobre a ressurreição do corpo e do espírito dado a Maria e Marta. Muitos de seus grandes ensinamentos como o sermão da montanha foram proferidos para grupos de homens, mulheres e até crianças¹³.

¹¹ BELO, 2017, p. 3.

¹² KOCHMANN, 2017, p. 37.

¹³ RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. O papel das mulheres na Bíblia: protagonistas ou coadjuvantes? *Ad Aeternum*, v. 1, p. 68-85, 2020, p. 81.

Segundo Reimer e Souza “a pertença de mulheres ao movimento de Jesus dificilmente pode ser contestada”¹⁴. O movimento liderado por Jesus colocava em igualdade os homens e mulheres,

Essa maneira de agir, ou seja, sua atitude com relação às mulheres causava espanto e assombro. Ele fala publicamente com as mulheres, inclusive com estrangeiras (cf. Jo 4,27), coisa que não era permitido na sua época, pois, os estrangeiros eram discriminados em Israel¹⁵.

A forma que Jesus dava atenção às mulheres demonstra que Ele não partilhava do preconceito da sociedade do seu tempo em relação a elas. Como aponta Unser,

elas são as beneficiárias privilegiadas dos milagres de Jesus (cf. Mc 1,29-31; Mc 5,23-34; Mc 7,24-30; Lc 8,2 etc). Jesus cura as mulheres, para que assim, elas possam participar de sua comunidade, como seres humanos inteiros. Jesus se deixa tocar pela mulher com hemorragia (Ela aproximou-se por detrás, no meio da multidão...) a qual fica curada e ao permitir que ela o tocasse ele quebra o preconceito contra a impureza legal da época (cf. Mc 5,25-34). O mesmo ocorre com a cura da filha de Jairo, Jesus mais uma vez infringe o preceito de pureza legal e toca num cadáver (cf. Mc 5,21-24.36-43)¹⁶.

As mulheres no movimento de Jesus são descritas com importância e tendo seu lugar dignificado por Cristo. João 12,1-9 faz referência ao serviço prestado pelas mulheres. É preciso interpretar esse texto da mesma maneira e importância que Jesus, pois ao servir a mesa as mulheres desempenharam o papel de diaconisas. Lucas 8,1-3 identifica um grupo de mulheres que seguiam e serviam Jesus com seus bens.

Apesar de os evangelhos não possuir qualquer centralidade da figura da mulher, exceto o de Marcos, os poucos relatos sugerem que Jesus em todo tempo estava rodeado pelas mulheres, seja ela pobre ou até mesmo rica. Em sua maioria, essas mulheres vinham do Judaísmo que tinha por figura central o homem, ainda mesmo quando o patriarcalismo não estava no seu auge. Segundo Reimer e Souza, enquanto no judaísmo a figura central era o homem, destaca-se

[...] que, no movimento de Jesus, não se preconizava o casamento, a procriação e a administração da casa para dele participar; ao contrário, dizia-se que as pessoas que seguiam a Jesus tudo largavam... Assim, muitas mulheres tornaram-se seguidoras e discípulas de Jesus, de forma independente e autônoma ou em conjunto com seu marido, crianças, famílias. Não era a condição social ou sexual e familiar um pressuposto para a adesão e seguimento, mas a fé e a disposição ao compromisso com o Reino de Deus, um contra sistema sociocultural e político-social¹⁷.

A forma igualitária que Jesus tratava as pessoas, independentemente do gênero ou qualquer outra realidade, ameaçou a elite de sua época, pois era inconcebível para um judeu que a mulher,

¹⁴ REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, Carolina Bezerra. As mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja. *Revista Teológica e Ciências da Religião*, n 1, v. 1, p. 207-216, 2012. p. 209.

¹⁵ UNSER, Gelci Maria. *Mulher: de vítima a discípula de Jesus. Passagem de uma condição de violência de gênero para condição de discípula e missionária cristã*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. p. 101.

¹⁶ UNSER, 2009, p. 49.

¹⁷ REIMER; SOUZA, 2012. p. 210.

o estrangeiro e o escravo tivessem o mesmo direito que o homem judeu. Mas, dado o contexto revolucionário do movimento de Jesus, não é difícil entender que as mulheres exerceram nele papéis importantes. No movimento de Jesus descrito nos Evangelhos, apesar de algumas serem apresentadas igualmente anônimas, temos também a descrição de mulheres com certa autonomia financeira e maturidade. O movimento revolucionário de Jesus surge internamente do judaísmo e participava do contexto do patriarcado. Os chamados movimentos de renovação “partilhavam muitas esperanças em comum, apesar de desenvolverem características diferente às dinâmicas religiosas e sociais, inclusive nas relações de gênero”¹⁸.

3. As mulheres e sua atuação na Igreja Primitiva: da diaconia ao apostolado

É inegável a participação das mulheres no movimento liderado por Jesus. Ele não fundou uma denominação e nem muito menos o que é chamamos de cristianismo. A origem do cristianismo primitivo está ligada à diversidade e tendências variadas que permitiam vários modelos de Igreja: “havia diversos movimentos populares, proféticos e messiânicos. O cristianismo nasceu em diversos centros (policêntrico) onde organizou e difundiu como uma variedade de movimentos independentes”¹⁹.

As mulheres foram fundamentais para a expansão da Igreja no primeiro século e em Atos dos apóstolos vemos uma maior abrangência de sua importância. Lucas relata que elas desempenhavam importantes funções como missionárias e pregadoras do Evangelho. Paulo, qualifica e elogia as mulheres durante sua jornada missionária. Algumas dessas mulheres são mencionadas nominalmente para sinalizar sua importância:

Lídia que foi a primeira convertida na cidade de Filipos, que coloca sua casa à disposição da comunidade local, onde radicava uma igreja doméstica (At 16,5). Há outras mulheres que faziam parte desta comunidade primitiva, cujos nomes aparecem na carta de São Paulo aos Filipenses: Evódia e Síntique. Tais mulheres deviam ser muito importantes, uma vez que o referido apóstolo se preocupava com as repercussões que podiam ter para a comunidade a rivalidade que surgiam entre elas (Fl 4,2-3). Assim como Lídia, Febe, Priscila, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Pérside, Júlia, Olimpás, e outras que muitas vezes aparecem como anônimas, ainda que dentro de relatos muito breves, mostram que a Igreja não foi constituída na sua base apenas pelos apóstolos. Houve mulheres que se destacaram e trabalharam laboriosamente pelo acolhimento e anúncio do evangelho de Jesus Cristo, testemunhando-o com suas vidas²⁰.

Como exemplo do ministério de Jesus, a Igreja foi se estabelecendo a partir do cenário doméstico, do cotidiano das pessoas. O cenário familiar torna-se também o ambiente da Igreja, sendo exatamente esse o espaço que “em geral é também o espaço típico da atuação das mulheres”²¹. Em Atos 12,12-17 a Igreja está reunida na casa de uma mulher que possivelmente tinha

¹⁸ SOUZA, Carolina Bezerra de. *Jesus e as mulheres no Evangelho de Marcos: paradigmas de relações de gênero*. 166f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2014. p. 56.

¹⁹ SANTOS, 2007, p. 33.

²⁰ TEIXEIRA, José Luiz Sauer. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 18, n 72, p. 55-63, 2010, p. 115.

²¹ SOUZA, 2014, p. 39.

bastante influência na comunidade cristã. Essa mulher é identificada como Maria mãe de João Marcos parente de Barnabé, companheiro de Paulo nas viagens missionárias.

A atuação das mulheres é apontada em Atos dos Apóstolos como importante, pois elas estiveram envolvidas no movimento missionário cristão e em toda fase da expansão da Igreja. Colaborando com essa afirmação, Unser afirma que as mulheres “trabalharam ao lado de Paulo e segundo ele mesmo diz que Evódia e Síntique combateram lado a lado com ele, essa afirmação está descrita em Fl 4.2-3”²².

A história do cristianismo primitivo embora oculta a liderança feminina, talvez em razão dos textos serem escritos por homens. No entanto, não exclui sua importância:

Torna-se cada vez mais consensual, na pesquisa bíblica e histórica, que mulheres eram líderes de comunidades na igreja antiga. Na pesquisa neotestamentária já é consenso que existiam ‘igrejas domésticas’ que se reuniam em casas (*ekklesia en oikou*), também sob a liderança de mulheres em funções eclesiais²³.

Reimer demonstra a importância das mulheres para o cristianismo primitivo ao relatar a história de Praxede. Ela e sua família tinha tradição de servir a Igreja e tudo indica que sua família era líder de uma Igreja doméstica. Após a morte de sua família, Praxede e sua irmã assumiram a liderança da Igreja, dando continuidade no trabalho eclesial. Elas cuidavam dos pobres e os protegiam, celebravam a Palavra e o batismo, realizavam funerais e o recolhimento do sangue dos mártires²⁴.

3.1. As mulheres e a diaconia

O diaconato era um ministério de auxílio para liderança da Igreja. O termo é apresentado no Novo Testamento, vem do grego *διάκονος* e está ligado ao significado de “ministro” e “ajudante”. O ministério do diaconato é de origem apostólica, conforme At 6,1-6; Fl 1,1 e 1 Tm 3,8-13. Os diáconos eram os que serviam. Jesus também usou esse termo para descrever a relação que deveria existir entre os seus discípulos (Mt 23,11). Em 1 Co 3,5 Paulo utilizou o mesmo termo para descrever os pregadores da palavra. O termo é de uso geral, não se refere a gênero, serve para designar tanto homens quanto mulheres (Lc 10,40; Rm 16,1, sugerindo que todos os cristãos são diáconos²⁵).

Apesar do termo ser utilizado culturalmente para denominar um serviço ligado ao masculino, Paulo ao descrever sobre Febe faz utilização do mesmo termo acompanhado de um artigo feminino, “a palavra grega *διάκονος* empregada por Paulo precisa ser ainda explorada”²⁶. O termo diaconia não se caracterizava pelo gênero, razão pela qual não é difícil encontrar mulheres que exerciam o ministério. Elas faziam parte da liderança da Igreja, tinham responsabilidades e eram investidas de autoridade para falar em público. No seu trabalho estava incluído a

²² UNSER, 2009, p. 79.

²³ REIMER, Ivoni Richter. Santa Praxede: memórias e visualidades de uma líder eclesial na Roma antiga. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n 39, p. 1480-1509, 2015. p. 1483.

²⁴ REIMER, 2015, p. 1489.

²⁵ BONZE, Ian Ferreira. Liderança feminina no cristianismo do primeiro século: o caso de Febe. *Humanidades em Revista*, v. 2, p. 28-40, 2020, p. 31.

²⁶ BONZE, 2020, p. 31.

coordenação da vida comunitária, prestando verdadeiro serviço para a comunidade. Os serviços que elas prestavam compreendiam também o sustento financeiro da Igreja: Cloé (1Cor 1,11) e Lídia (At 16,14) são exemplos do serviço financeiro também prestado pelas mulheres²⁷.

A diaconia fazia parte da acolhida comunitária da Igreja primitiva. Era comum encontrar pessoas como Febe (Rm 16,1-2), que ofereciam asilo para os estrangeiros que precisam de proteção política, afinal no primeiro período da Igreja os cristãos eram perseguidos e martirizados. Paulo externa a importância do serviço prestado por Febe, não somente por ela, pois sua rede de colaboradores tinha homens e mulheres que serviram para expansão do cristianismo. Paulo mesmo reconheceu o risco que e as atividades perigosas que seus colaboradores fizeram, no sentido de que o termo diaconia e diaconato denota serviço as mulheres citadas por Paulo diversas vezes. Com quantidade numérica ainda maior, em Rm 16 aponta que as mulheres, sozinhas ou ladeadas por um homem, serviram na expansão da obra missionária²⁸.

É importante notar que em todo Novo Testamento não vemos o diaconato ou diaconia como um ministério de ordenação como na atualidade, o conceito de diaconia é amplo no segundo testamento sugerindo um serviço importante e como listado em 1Tm 5,9-10 as diaconisas eram aquelas dedicadas a oração, ao cuidado à penitência e aos pobres²⁹. As mulheres podiam ser encontradas como diaconisas no contexto eclesiástico exatamente por ter origens domésticas. Como a Igreja estava no ambiente doméstico, Bonzer³⁰ sugere que o termo precisa analisado com certa cautela, pois o ofício das diaconisas foi reconhecido tardiamente e passou a ter funções limitadas. No terceiro século, o trabalho de diaconia prestado por elas não era igual ao do primeiro século, pois nesta época as diaconisas atuavam sempre e somente com ou para outras mulheres.

3.2. Mulheres apóstolas? Maria Madalena e Júnia

O assunto é complexo e deve ser observado com cuidado, pois o termo apóstolos é utilizado para caracterizar o grupo de doze homens que andaram pessoalmente com Jesus. Esses doze foram os primeiros escolhidos pessoalmente por ele, conforme a narrativa dos Evangelhos, na qual não se identifica Jesus chamando pessoalmente mulheres para fazer parte do seu movimento como como discípulas. No entanto, não é de se duvidar que tal fato tenha ocorrido devido à presença feminina no ministério de Jesus³¹.

Encontramos em Rm 16 uma referência feminina entre os apóstolos, além de possuir um debate enorme se Maria Madalena seria uma das apóstolas de Jesus. Argumento de que as mulheres poderiam ter sido encontradas como apóstolas, talvez tenha por base o final do Evangelho de Marcos, já que o autor do referido Evangelho destaca o protagonismo da mulher e lhe dá a nobre tarefa de anunciar o evangelho. O Evangelho de Marcos é o que dá mais importância a Maria Madalena³².

²⁷ RIBEIRO, 2020, p. 68-85.

²⁸ BONZER, 2020, p. 30.

²⁹ PINTO, Luciano Rocha. O ministério das diaconisas: ensaio histórico-teológico sobre a diaconia das mulheres no primeiro milênio. *Revista Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 123-144, 2018. p. 131.

³⁰ BONZER, 2020, p. 36.

³¹ RIBEIRO, 2020, p. 37.

³² LIMA, Elda Cassia de. De testemunha à apóstola: Maria Madalena segundo os evangelhos. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 435-443, 2020, p. 437.

Normalmente as mulheres no texto bíblico eram lembradas por fazer parte de determinada família ou por ser mãe. No entanto, Maria Madalena é retratada como alguém que não pertence a nenhum homem. Não se sabe muita coisa a respeito dela e, devido ao fato de no contexto ser patriarcal ser apresentada como uma mulher que não pertencer à algum homem, indica que ela deveria ter alguma autonomia. Numa descrição que sugere independência financeira, Lucas apresenta-a uma das mulheres que assistiu Jesus com seus bens (Lc 8,1-3)³³.

Há ainda outros motivos que permitem pensar na importância de Maria Madalena. Ela é a mulher mais citada no Novo Testamento, é personagem de grande importância na ressurreição de Jesus e, no Evangelho de Lucas, está presente desde o início do ministério de Jesus, como mantenedora e discipula de Jesus. A prática, o serviço e o testemunho estavam presente na vida de Maria Madalena. Ela anunciou e encorajou os discípulos homens após a ressurreição de Jesus³⁴. A ideia de que ela foi uma apóstola tem apoio na literatura apócrifa, que complementa a ideia dos Evangelhos. Conforme Santos, nos Evangelhos de Mani, Maria Madalena, Tomé e de Felipe ela é apresentada em posição similar à de Pedro, demonstrando que ela poderia ser vista como modelo de liderança cristã.

No entanto, é importante observar os critérios de escolha para que outro pudesse ocupar o lugar de Judas:

O termo “apóstolo” é mais raro nos Evangelhos. Possui um sentido geral de “chamado e enviado”, incumbido de alguma missão. No livro dos Atos são apresentados os requisitos necessários para apostolicidade: ter seguido Jesus desde os tempos de seu batismo no Jordão até a ascensão e ter sido testemunha da ressurreição (Atos 1, 21-23). A partir da análise desses critérios, podemos inferir que as mulheres, que seguiam Jesus desde a Galileia, e mais especificamente Madalena, teriam não apenas o direito de serem consideradas apóstolas, como seriam as mais credenciadas para essa missão. Tendo em vista que, no momento mais crítico e desafiador, não se ausentaram por medo, por isso testemunharam a crucificação e também a ressurreição³⁵.

Considerando o mesmo argumento de ter visto Jesus ressurreto, Paulo defende o seu apóstolado (Gl 1,11-15). Sendo assim, ao contrário da violência que a Igreja ocidental comete ao apresentá-la como prostituta, é possível pensar em Maria Madalena como uma discipula (seguidora) e como uma apóstola (uma pessoa chamada e enviada). Mesmo que o texto não a identifique como apóstola, o que se pode ter certeza diante é que ela realmente foi uma pessoa importante para o cristianismo.

Um outro caso que merece ser observado é o de Júnias. Paulo menciona Júnias em Rm 16, uma mulher dentre as demais citadas no mesmo texto. Apesar de existir certa controvérsia este nome se refere a uma mulher ou a um homem, Paulo descreve que “era mais notável entre os apóstolos” e da mesma origem apostólica que ele. Já que não estavam no grupo dos 12, a verdade a respeito do gênero de Júnias é bem simples, pois o termo grego usado por Paulo (Ἰουνία, Júnias) tem acento agudo na paroxítona indicando que o termo é feminino; para indicar gênero masculino o acento deveria ser circunflexo na oxítona (Ἰουνῖαν), traduzido como Júnias³⁶.

³³ SANTOS, 2007, p. 35.

³⁴ SANTOS, 2007, p. 35-36.

³⁵ LIMA, 2020, p. 440-441

³⁶ LUZ, Uelinton Jorge Dias da. *Submissão ou Liberdade: As contribuições do Apóstolo Paulo a partir de Romanos 16,1-16 para os movimentos libertários de mulheres*. 115f. (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2018.

A versão é de que o nome indica o gênero feminino. De acordo com Berti³⁷, “o mais antigo manuscrito da literatura paulina atesta que o nome da pessoa com Adrônico é na verdade Ἰουλίαν”³⁸. Esse argumento é sustentado pelas versões Itálicas, alguns da Vulgata, Copta Boárica e da versão Etíope, na direção de que Júnia trata-se de uma mulher. Ao identificar Júnia como apóstola, Marcina Barros demonstra que ela era reconhecida pelos outros apóstolos e, ao dizer que tanto ela quanto Adrônico eram servos de Cristo primeiro que ele, sugere que eles (Adrônico e Júnia) pertenciam a comunidade cristã desde seus primeiros dias³⁹.

Os motivos que precisam ser levados em conta do reconhecimento do apostolado de Júnia são: 1) o nome que é realmente feminino; 2) companheiros de Paulo na prisão por razões do trabalho da evangelização; 3) servos e testemunhas de Cristo antes mesmo que Paulo. Por esse motivo, Romanos 16,7 faz referências a Júnia como apóstola. Outra razão para pontuá-la como apóstola é que “a questão da mudança ocorrida a partir da Idade Média, especialmente na tradução feita por Lutero, do nome Júnia (feminino) para Junias (masculino), pelo fato de a pessoa estar sendo mencionada como “apóstolo”⁴⁰.

Considerações finais

No movimento de Jesus a mulher foi uma personagem importante. Ela recebeu devida atenção, já que o Jesus não estava preocupado com preconceito e com a construção patriarcal da época. Os Evangelhos descreveram as mulheres como personagens importantes no contexto do movimento de Jesus, pois em nenhum momento ela é privada do convívio e nem dos ensinamentos realizados por Jesus, o que fica claro é que diferente do judaísmo e do paganismo o movimento de Jesus permite com que as mulheres participem da vida religiosa sem nenhuma restrição.

Para a Igreja primitiva o papel da mulher também ganha importância, pois o cristianismo tem objetivo de uma espiritualidade doméstica, esse ambiente é de atuação da mulher, ao redirecionar a espiritualidade para o ambiente doméstico permitiu que as mulheres participassem e desenvolvessem papéis de liderança dentro da Igreja, elas desenvolviam atividades de cuidado, pastoreio e de testemunhas, além de ajudar no sustento financeiro eclesial como elas fizeram anteriormente no ministério de Jesus, e de igual força e fidelidade demonstrada para com Cristo elas demonstraram para com a Igreja, já que elas foram testemunhas oculares da crucificação, responsáveis de transmitir a ressurreição de Cristo e encorajar os discípulos que fugiram a permanecerem fieis e, posteriormente, algumas delas também foram presas e levadas ao martírio.

A importância das mulheres vista neste trabalho serve como tentativa de resgate da importância da mulher para o cristianismo atual, pois o contexto patriarcal atual continua oprimindo

³⁷ BERTI, 2017, p. 3.

³⁸ BERTI, 2017, p. 4.

³⁹ SEVERINO, Marcina Barros. A mulher e a casa nos inícios do cristianismo. *Fragmentos de Cultura*, v. 21, n. 10/12, p. 667-676, 2011. p. 672.

⁴⁰ MATOS, Keila Carvalho de. *Vozes polêmicas e contraditórias sobre ministérios de mulheres: exegese e análise do discurso a partir de 1Coríntios 14,33b-35*. 134f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2010, p. 102.

e marginalizando as mulheres, do mesmo jeito que o movimento de Jesus foi revolucionário e inovador, o cristianismo atual precisa encarar a realidade de que as mulheres possuem habilidade igual aos homens, é papel social da Igreja de ser a voz dos oprimidos e esperança para os marginalizados, sendo assim, ela (Igreja) também é o espaço onde as pessoas precisam ser respeitadas não pelo gênero, sendo de fato uma comunidade acolhedora como era no primeiro momento de sua existência.

Referências

- BERTI, Marcelo. Era Júnia uma apóstola? *Revista Teologia Brasileira*, São Paulo, n. 62, p. 1-27, 2017.
- BELO, Tais Pagoto. Mulheres da Antiguidade: apenas um espelho. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História conta os preconceitos: história e democracia*. 2017, p. 1-12. Disponível em: https://www.academia.edu/35052667/Mulheres_da_Antiguidade_apenas_um_espelho.
- BONZE, Ian Ferreira. Liderança feminina no cristianismo do primeiro século: o caso de Febe. *Humanidades em Revista*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 28-40, 2020.
- KOCHMANN, Rabina Sandra. O lugar da mulher no judaísmo. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, p. 35-45, 2005.
- LIMA, Elda Cassia de. De testemunha à apóstola: Maria Madalena segundo os evangelhos. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 435-443, 2020.
- LUZ, Uelinton Jorge Dias da. *Submissão ou Liberdade: As contribuições do Apóstolo Paulo a partir de Romanos 16,1-16 para os movimentos libertários de mulheres*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiania, 2017.
- MATOS, Keila Carvalho de. *Vozes polêmicas e contraditórias sobre ministérios de mulheres: exegese e análise do discurso a partir de 1Coríntios 14,33b-35*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.
- MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova 1999, reimpressão 2006.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O cristianismo primitivo como objeto da história cultural: delimitações, conceitos de análise e roteiro de pesquisa. *ANTÍTESES*, v. 8 n. 16, p. 31-49, 2015.
- OLIVEIRA, Eduardo dos Santos de. Mulheres: novo arquétipo para o seguimento em Marcos. *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*, v. 5, p. 175-185, São Leopoldo, 2017.
- PINTO, Luciano Rocha. O ministério das diaconisas: ensaio histórico-teológico sobre a diaconia das mulheres no primeiro milênio. *Revista Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 123-144, 2018.
- REIMER, Ivoni Richter. Santa Praxedes: memórias e visualidades de uma líder eclesial na Roma antiga. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 39, p. 1480-1509, 2015.
- REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, Carolina Bezerra. As mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja. *Revista Teológica e Ciências da Religião*, n. 1, v. 01, p. 207-216, 2012.
- RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. O papel das mulheres na Bíblia: protagonistas ou coadjuvantes? *Ad Aeternum*, v. 1, p. 68-85, 2020.

- SANTOS, Ana Pinheiro. Maria Madalena no cristianismo primitivo: desafio para reflexões cristãs modernas. *Revista Caminhando*, São Paulo, v. 12, n. 20, p. 29-42, 2007.
- SEVERINO, Marcina Barros. A mulher e a casa nos inícios do cristianismo. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 21 n. 10/12, p. 667-676, 2011.
- SILVA, Vinicius da; LONDERO, Josirene Candido. Do matriarcalismo ao patriarcalismo: formas de controle e opressão das mulheres. XII CONAGES. *XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades*, p. 1-10, 2017.
- SOUZA, Carolina Bezerra de. *Jesus e as mulheres no Evangelho de Marcos: paradigmas de relações de gênero*. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2014.
- _____. *Marcos: Evangelho das Mulheres*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017.
- TEIXEIRA, José Luiz Sauer. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 18, n. 72, p. 55-63, 2010.
- UNSER, Gelci Maria. *Mulher: de vítima a discípula de Jesus. Passagem de uma condição de violência de gênero para condição de discípula e missionária cristã*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

Submetido em: 31/05/2022

Aprovado em: 05/16/2023